

**O ASSOCIATIVISMO DE TRABALHADORES NEGROS NO CLUBE UNIÃO
OPERÁRIA DE ALEGRETE (RS, SÉCULO XX)**

**THE ASSOCIATIVISM OF BLACK WORKERS IN THE CLUBE UNIÃO
OPERÁRIA DE ALEGRETE (RS, 20TH CENTURY)**

Recebido em: 03/01/2023

Aceito em: 31/07/2023

Márcio Jesus Ferreira Sônego¹ 

Resumo: Este artigo tem como objetivo recuperar histórias de trabalhadores negros nos primórdios de fundação do Clube União Operária de Alegrete, fundado em 1925. Com este estudo, se busca verificar a atuação vivida por operários (as) negros (as) na construção e formação desta entidade operária e quase centenária. Com base no cruzamento de diversas fontes históricas, como documentos cartoriais, paroquiais, imprensa, livros de atas e sócios do clube, foi possível perceber a vivência associativa dos trabalhadores negros e de seus familiares, reconstruindo trajetórias e experiências sociais no espaço social do Clube União Operária. Com essa pesquisa, comprovei algumas hipóteses, sendo que a principal é evidenciar que os afrodescendentes já estavam inseridos e atuantes desde o início e origem da entidade associativa. Através das histórias de alguns personagens, se percebe que a comunidade negra de Alegrete, no período pós-abolição, definiu o Clube União Operária como seu lugar social, um local do livre exercício da cultura e identidade negra, uma entidade operária na qual não havia restrições em relação aos seus frequentadores.

Palavras-Chave: Trabalhadores negros; Associativismo; Pós-abolição.

Abstract: This article aims to recover stories of black workers in the early days of the Clube União Operária de Alegrete, founded in 1925. This study seeks to verify the role played by black workers in the construction and training of this nearly centenary working-class entity. Based on the intersection of several historical sources, such as notary and parish documents, the press, minutes books and club members, it was possible to perceive the associative experience of black workers and their families, reconstructing trajectories and social experiences in the social space of Clube União Worker. With this research, I confirmed some hypotheses, the main one being to show that Afro-descendants were already inserted and active since the beginning and origin of the associative entity. Through the stories of some characters, it is clear that the black community of Alegrete, in the post-abolition period, defined the Clube União Operária as its social place, a place for the free exercise of black culture and identity, a working-class entity in which there was no restrictions on its visitors.

Keywords: Black workers; Associativism; Post-abolition.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade recuperar histórias de trabalhadores negros nos primórdios de fundação do Clube União Operária de Alegrete, fundado em 1925. Com este estudo, se busca verificar a atuação vivida por operários (as) negros (as) na construção e

¹ Doutor em História pelo PPGH da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Email: marcio.sonego14@gmail.com

formação desta entidade operária e quase centenária. Com base no cruzamento de diversas fontes históricas, como documentos cartoriais, paroquiais, imprensa, livros de atas e sócios do clube², foi possível perceber a vivência associativa dos trabalhadores negros e de seus familiares, reconstruindo trajetórias e experiências sociais no espaço social do Clube União Operária. Com essa pesquisa, comprovei algumas hipóteses, sendo que a principal é evidenciar que os afrodescendentes já estavam inseridos e atuantes desde o início e origem da entidade associativa. Através das histórias de alguns personagens, se percebe que a comunidade negra de Alegrete, no período pós-abolição, definiu o Clube União Operária como seu lugar social, um local do livre exercício da cultura e identidade negra, uma entidade operária na qual não havia restrições em relação aos seus frequentadores.

A metodologia desse estudo foi influenciada pela Micro-História, principalmente no cruzamento de fontes para reconstituir trajetórias e experiências sociais. O primeiro procedimento metodológico foi analisar os Livros de Atas e Sócios do Clube União Operária de Alegrete e buscar nominalmente os integrantes do clube. Logo após, foi feita uma segunda busca incessante em registros cartoriais e eclesiásticos³, como registros de óbitos, por exemplo, já que em tais documentos, a cor das pessoas aparece com mais frequência. Para esta pesquisa, o componente cor dos indivíduos é de fundamental importância para comprovar nossas hipóteses. Também foi importante, e já deixo meu registro de agradecimento aos familiares descendentes dos sujeitos pesquisados, pois as conversas e trocas de informações foram essenciais⁴.

No caso específico desta pesquisa, recuperar elementos das trajetórias de personagens afrodescendentes que fizeram parte do Clube União Operária de Alegrete não foi tarefa muito fácil. O subsídio metodológico baseou-se também no método onomástico, utilizando o nome como fio condutor da pesquisa (GINZBURG, PONI, 1989). Além disso, este trabalho pauta-se

² As fontes documentais consultadas para elaboração deste artigo estão descritas nas notas de rodapé e, em ocasião da sua transcrição, optamos pela manutenção da sua grafia original.

³ Pesquisei e localizei estas fontes históricas no site *Family Search*, na qual disponibiliza registros paroquiais e cartoriais e também no acervo do Arquivo Histórico Municipal de Alegrete Miguel Jacques Trindade (AHMAMJT). Aproveitando, quero agradecer a atenção e disponibilidade da arquivista Valéria Apprato Dornelles, que muitas vezes me enviou cópias digitalizadas dos atestados de óbitos.

⁴ Meu agradecimento a Rosa Irene Madeira Cardoso, Luciana Braz Nunes, Cleonice Xavier Lima, Joiceana Teixeira, Fernando Campos da Rosa, Marina Castilhos, Aline Castilhos Teixeira e também a todos os respectivos familiares.

no conceito de trajetórias (KARSBURG, 2015, MOREIRA, 2014), ambas reflexões e métodos de pesquisa oriundos da micro-história italiana.

HISTÓRIAS DE OPERÁRIOS NEGROS NO CLUBE UNIÃO OPERÁRIA DE ALEGRETE

Como vimos na introdução deste trabalho, no surgimento do Clube União Operária, não se encontra menção à cor nos documentos produzidos, e nem ênfase na atuação política e social de trabalhadores afrodescendentes, muito embora já estivessem inseridos e atuando no clube, dado ao caráter dos trabalhadores (as) de vários ofícios que o integravam. Conforme documentação, atas, livro dos sócios, fotografias e testemunhos de associados e frequentadores do clube, foram encontrados sujeitos negros inseridos e desempenhando funções importantes na formação da associação operária em Alegrete. Essa descoberta inicial e fragmentada só foi possível graças ao recurso metodológico de rastrear os nomes de alguns sócios e fazer o cruzamento nominal com outras fontes disponíveis, como os registros de óbitos, pois nestes documentos a cor das pessoas falecidas tendiam a aparecer com mais frequência.

Na Ata de sua fundação, em 1925, consta o relato de que a solenidade aconteceu no Teatro Rio Branco, na qual estavam presentes a comissão organizadora da entidade e os sócios fundadores, sendo instituída e aclamada a sua primeira diretoria, com os seguintes nomes:

Para presidente, Pedro Ramires, carpinteiro; para vice, Antônio Gomes, pedreiro; para secretário, Brasileiro Lara, tipógrafo; tesoureiro, João Barcellos, marceneiro; adjunto de tesoureiro, Rodolfo Anhaia, carreiro; para orador, Adélio Xavier Castilhos, tipógrafo. Para o Conselho Fiscal: Venâncio Pacheco, carpinteiro; Cyrane Anhaia, pedreiro; Manoel Emiliano, pedreiro; João Brum, pedreiro e Antonio Botto, ferreiro. (GOLDEMBERG, 1993, p. 13).

Dentre os fundadores da União Operária descritos acima, foi possível localizar alguns registros de óbitos. Supõe-se que o tesoureiro João Barcellos é o mesmo sujeito que faleceu no dia 13 de agosto de 1949, tendo 67 anos de idade, **cor mista**⁵, pedreiro, casado com Rosa Barcellos. Na certidão de óbito, consta que João Barcellos faleceu sem assistência médica e era de filiação ignorada⁶. A partir da reconstituição do perfil social dos indivíduos que fundaram e compuseram a União Operária de Alegrete, acredita-se ser possível demonstrar, futuramente,

⁵ Grifo meu.

⁶ Livro 31, folha 257. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 13 de agosto de 1949. AHMAMJT.

que a classe operária de Alegrete era muito mais complexa e diversa, inclusive fundamentalmente negra e mestiça.

Em relação ao Livro dos Sócios, relativo ao ano de 1929, aparece a descrição de alguns associados da entidade, sendo que chama à atenção imediata a pessoa de Euclides Braz⁷. Posteriormente, em 1940 e 1941, Euclides Braz exerceu a função de 1º Secretário da União Operária. Nas fichas cadastrais do clube, Euclides aparece com o registro de matrícula número 01, com 41 anos de idade, nascido no dia 06 de junho de 1899⁸, casado, brasileiro, profissão de carpinteiro e residente na rua 20 de Setembro, em Alegrete⁹. Porém, tudo indica que Euclides Braz já estava atuando na entidade antes de 1929, pois ele aparece como procurador na diretoria do clube em 1927¹⁰ e também como um dos sócios responsáveis pela comissão de construção da sede da União Operária na Rua Vinte de Setembro, também no ano de 1927. (GAZETA DE ALEGRETE, 1973).

Os documentos da União Operária confirmam que a esposa de Euclides Braz, a senhora Maria Amália da Cruz Braz também era sócia do clube, com ficha nº 74, filiada desde 16 de julho de 1940, com 39 anos de idade, casada, doméstica e também domiciliada na rua 20 de Setembro.¹¹ Maria Amália da Cruz Braz faleceu no dia 29 de abril de 1982, com 81 anos de idade, de **cor preta**¹², pensionista, sendo já viúva. Era filha de João Onofre da Cruz e de Menalvina Costa¹³.

Recorreu-se, então, aos registros de óbitos para obter mais informações acerca da cor de Euclides, que faleceu no dia 17 de março de 1967, com 67 anos de idade, constando com a profissão de **operário**¹⁴. A causa da morte foi ocasionada por uma perfuração de úlcera gástrica. Era filho legítimo de Joana Braz, sendo que no registro não consta a cor de Euclides¹⁵. Contudo, recorrendo ao atestado de óbito de Joana Braz, algumas informações mais explícitas no

⁷ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁸ Ainda não consegui localizar o registro de nascimento de Euclides Braz.

⁹ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

¹⁰ *MEU JORNAL. União Operária*. Alegrete, 16 de janeiro de 1927; Nº 35; p. 03 APUD CORRÊA 2010.

¹¹ *Ibid.*,

¹² Grifo meu.

¹³ Livro C/6, folha 87. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 30 de abril de 1982 AHMAMJT.

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Livro 45, folha 10.588. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 20 de março de 1967. AHMAMJT.

documento preenchem as lacunas existentes no registro de óbito de Euclides. Joana Braz morreu no dia 01 de fevereiro de 1936 no seu domicílio em Alegrete, com 50 anos de idade, **cor preta**¹⁶, solteira, profissão de doméstica, sendo que o declarante foi o filho Euclides Braz¹⁷.

Um fato curioso e revelador, que permite mostrar a rede associativa, laços de solidariedades e ajuda mútua entre os integrantes do Clube União Operária foi o falecimento do sócio Mazaredo Silva em 1940, ele consta como associado desde 1929¹⁸, número de matrícula 45, filiado na entidade desde 24 de junho de 1934, tinha 56 anos de idade, casado e com a profissão de jornalista¹⁹. Mazaredo Silva morreu no dia 26 de dezembro de 1940, descrito como casado e filho de Eva da Silva. O declarante que compareceu no cartório foi o senhor Euclides Braz²⁰. Foi nesse espaço da União Operária que provavelmente Mazaredo e Euclides formaram e compartilharam relações, laços humanos e convívio social. Além disso, a União Operária mantinha uma caixa de socorro aos seus associados, com auxílio doença, funeral e instrução.

Imagem 1: Euclides Braz e Maria Amália da Cruz Braz. Foto s/d.



Acervo Pessoal: Luciana Braz Nunes

¹⁶ Grifo meu.

¹⁷ Livro 23, folha 144v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 01 de fevereiro de 1936. AHMAMJT.

¹⁸ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

¹⁹ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

²⁰ Livro 27, folha 25. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 26 de dezembro de 1940. AHMAMJT.

A família Braz, com uma identidade negra, ocupou um lugar de destaque e de livre exercício dentro do Clube União Operária de Alegrete. Além de Euclides Braz e Maria Amália da Cruz Braz, outros integrantes familiares participaram com iniciativas assistenciais, culturais e recreativas, organizando bailes e garantindo relações de sociabilidades, a partir de confraternização entre as famílias, principalmente festas diversas e relações, além do círculo familiar²¹. Rosa Braz Madeira (irmã de Euclides Braz) era sócia também da entidade, com ficha sob nº 34, constando como casada, doméstica, brasileira e moradora na rua 20 de Setembro²². Rosa Braz Madeira era casada com João Galdino Madeira, também sócio da União Operária, ficha nº 25, filiado desde junho de 1935, 39 anos de idade, profissão de jornalista, naturalidade brasileira e residente também na rua 20 de Setembro²³.

Através do procedimento metodológico da microanálise, adotado ao longo desta pesquisa, foi possível obter mais informações que ajudaram a recompor fragmentos e histórias dos sujeitos pesquisados.

Paulo Moreira (2014), em artigo sobre as inserções profissionais e associativas do afrodescendente Aurélio Viríssimo de Bittencourt aponta que:

Atualmente, estudar um indivíduo significa investigar os seus vínculos, as suas afetividades, afinidades e animosidades. Tratar de um indivíduo não é mais simplesmente enaltecer a sua relevância política e a autonomia e repercussão de seus atos. Fazer emergir historicamente um indivíduo é localizá-lo na interdependência de suas relações, sob os mais diversos prismas (2014, p. 92).

Rosa Braz Madeira faleceu no dia 12 de abril de 1978, descrita como de **cor preta**²⁴, ocupação dona de casa, 81 anos de idade, domiciliada na rua 20 de Setembro, sendo viúva de João Galdino Madeira, mãe de 03 filhos. Rosa era filha de Joana Braz dos Santos e Manoel dos

²¹ A família de Manoel Alcides Emiliano e seu filho Nabor Emiliano (também sócios do Clube União Operária de Alegrete) tinham relações de compadrio com a família de Euclides Braz. Aliás, Manoel Emiliano aparece como sócio da entidade desde 1933. Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio. Meu objetivo é, futuramente, ampliar o leque de estudos sobre a trajetória de afrodescendentes no clube, contemplando mais sujeitos. Outro personagem que será contemplado em pesquisas futuras é o senhor Horádio Rovera da Rosa, participante dos blocos carnavalescos da União Operária.

²² Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

²³ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

²⁴ Grifo meu.

Santos²⁵. Já João Galdino Madeira, faleceu décadas antes, constando assento de óbito no dia 01 de agosto de 1942²⁶, com 45 anos de idade, **cor parda**²⁷, jornalista e de filiação ignorada. Foi declarante do óbito, o senhor Euclides Braz (irmão de Rosa Braz Madeira). Rosa Braz e João Galdino tiveram 03 filhos, dentre eles, Mário Braz Madeira, também sócio do Clube União Operária, cadastro número 138²⁸. Faleceu no dia 18 de setembro de 2000, com 79 anos de idade, **cor mista**²⁹, aposentado. Casado com dona Isabel Dias Madeira, tiveram 13 filhos³⁰. Mário Braz também era morador na rua 20 de Setembro³¹. Nos dias atuais, Rosa Irene Madeira Cardoso (neta de Mário Braz Madeira) é participante do Clube União Operária de Alegrete, contribuindo ativamente no Núcleo Cultural da entidade.

Imagem 02: Rosa Braz Madeira.



Acervo Pessoal: Rosa Irene Madeira Cardoso e família

²⁵ Livro C/1, folha 94v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 13 de abril de 1978. AHMAMJT.

²⁶ Livro 28, folha 41v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 01 de agosto de 1942. AHMAMJT.

²⁷ Grifo meu.

²⁸ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

²⁹ Grifo meu.

³⁰ Livro C 31, folha 18. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 19 de setembro de 2000. AHMAMJT.

³¹ Até hoje a casa e reduto da família Braz na rua 20 de Setembro é moradia de seus descendentes. Lembrando ao leitor e leitora, que o Clube União Operária também era e é localizado atualmente na mesma rua. O historiador Flávio Gomes (2005, 2006) desenvolveu o conceito de “campo negro” para descrever um espaço social, econômico e geográfico, na qual circulavam escravizados, forros, quilombolas, comunidades negras rurais, alcançando vilas pequenas e cidades maiores no século XIX, numa complexa rede social. Mesmo meu estudo aqui tendo outra temporalidade e abordagem, acredito não ser exagero elencar que as famílias negras que residiam perto do Clube União Operária formavam também um “campo negro”, um espaço geográfico de articulações, autoafirmação e identidade cultural e social.

Imagem 03: Mário Braz Madeira.



Acervo Pessoal: Rosa Irene Madeira Cardoso e família

Os Braz são uma família de afrodescendentes de destaque na comunidade alegretense, com ênfase no ativismo cultural, principalmente no carnaval. Sua trajetória familiar foi fundamental no processo de organização da União Operária, em anos posteriores. Em trabalhos futuros, pretende-se abordar de forma mais detalhada sobre este tema. Porém, é importante ressaltar a figura de João Braz da Silva, falecido no ano de 2021. Personagem importante e um sujeito de destaque e protagonismo da comunidade negra de Alegrete, João Braz foi sócio do Clube União Operária por várias décadas, participando de várias diretorias, como Secretário, Diretor de Departamento³², Conselheiro Fiscal e inclusive, como Presidente eleito da entidade no ano de 2000.

Em 2019, o NEABI da UNIPAMPA Campus Alegrete realizou um documentário sobre a trajetória de João Braz, em que o mesmo relatou, em determinado trecho da entrevista, que em décadas anteriores, havia um “bloco operário formado somente por negros em Alegrete”³³. Importante frisar que a mãe de João Braz, chamada Antonieta Braz era também sócia do clube,

³² Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 380, 13 de junho de 1970. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

³³ Documentário “João Brás da Silva, Mais Brasileiro Impossível!”. In: <https://www.youtube.com/watch?v=YKN4HgD6J9o>. Acesso no dia 31 de janeiro de 2022.

aparecendo nos registros como associada nº 78³⁴. Euclides Braz³⁵ e Antonieta Braz tinham parentesco direto (primos) e seus descendentes continuaram participando ativamente na entidade operária. Assim, o Clube União Operária se constituiu num local de lazer e sociabilidades das famílias e comunidade negra alegretense.

Também fazendo parte, como associado da União Operária desde 1929³⁶, e constando com o registro de matrícula número 02, aparece o sócio João Pará, descrito como tendo 56 anos de idade, nascido no dia 12 de novembro de 1889³⁷, casado, brasileiro, profissão de pedreiro e morador na rua Dr. Lauro, em Alegrete³⁸. João Pará faleceu no dia 12 de outubro de 1943, contava com 60 anos de idade, **cor parda**³⁹ e casado, sendo a causa da morte problemas de insuficiência cardíaca⁴⁰. Sua esposa, Matilde Ribeiro Pará também consta como sócia, ficha número 72, associada desde o dia 16 de julho de 1940, tendo 47 anos de idade e ocupação de doméstica⁴¹. Aliás, João Pará já ocupava cargos na diretoria do clube desde 1926, sendo procurador da entidade⁴², depois foi conselheiro fiscal em 1940 e 1941, participando de várias comissões⁴³. Décadas depois, seu filho Darci Ribeiro Pará se tornou sócio do clube, também atuando na diretoria, inclusive como presidente da entidade (1971-1972)⁴⁴. O senhor Darci Pará

³⁴ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

³⁵ Em sua homenagem existe uma rua em Alegrete chamada Euclides Braz, situada no Bairro Promorar, Zona Lesta da cidade.

³⁶ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

³⁷ Não localizei o registro de nascimento de João Pará. Suponho que a data de nascimento de João Pará foi colocada de forma errônea na ficha cadastral de sócio do Clube, visto que a idade não confere, sendo o mais provável é que Pará tenha nascido no ano de 1883.

³⁸ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

³⁹ Grifo meu.

⁴⁰ Livro 28, folha 246. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 13 de outubro de 1943. AHMAMJT.

⁴¹ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁴² A *NOTÍCIA*. União Operária. Alegrete, 25 de agosto de 1926 – Nº 59; p. 02 APUD CORRÊA, 2010.

⁴³ Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 01, 01 de maio de 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁴⁴ Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 402, 04 de dezembro de 1972. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

faleceu no dia 07 de janeiro de 1984, aos 65 anos de idade, casado, descrito como de **cor mista**⁴⁵ e profissão de ferroviário⁴⁶ aposentado⁴⁷.⁴⁸

Outra figura igualmente importante, dentro do Clube União Operária de Alegrete, foi Clotário Estulano dos Santos (pai de Maria Terezinha Leal Santos). Ele aparece como sendo sócio do Clube União Operária de Alegrete desde o ano de 1929. Faleceu no dia 25 de julho de 1964, descrito como de cor mista, profissão de pedreiro, domiciliado e residente em Alegrete. Faleceu com 78 anos de idade, era filho de Afonso Ligorio e Maria Estulano dos Santos⁴⁹. É de bom alvitre também sondar a trajetória do operário Alberto Ludgero dos Santos, sócio da União Operária (1929)⁵⁰, número 11 na ficha de cadastro, 60 anos de idade, casado e com a profissão de carpinteiro⁵¹. Alberto dos Santos morreu no dia 31 de dezembro de 1944, com 68 anos de idade, **cor mista**⁵² e filho de Efigenia Nunes dos Santos⁵³.

Conhecer a atuação e luta dos trabalhadores negros, nestes espaços associativos e de cunho operário, é fundamental para compreendermos a própria formação da classe operária brasileira. Petrônio Domingues, ao pesquisar sobre o protagonismo negro em São Paulo, dedica algumas páginas sobre a importância de dar visibilidade à presença negra na história social do trabalho e, em especial, na formação do movimento operário. Segundo o autor, mesmo com o surgimento de algumas pesquisas sobre o tema, “o desafio continua sendo o de elaborar uma história do trabalho mais inclusiva” (DOMINGUES, 2019, p. 51).

De acordo com Maurício Goldemberg (1993), no dia 01 de maio de 1933, surgiu em Alegrete também o Bloco Operário, sendo que a reunião festiva aconteceu numa casa localizada entre a esquina da Rua General Vitorino com a Rua Dr. Lauro, estando presente a comissão

⁴⁵ Grifo meu.

⁴⁶ Sobre a atuação desta categoria é interessante a pesquisa de Robério Souza (2011), que trata sobre a vida dos trabalhadores ferroviários (negros, na sua maioria) no período imediato do pós-abolição e anos iniciais da república na Bahia. O autor acompanhou a trajetória dos ferroviários na luta por direitos sociais e trabalhistas, conflitos e organização de classe. Robério Souza identificou que a maioria dos ferroviários baianos eram negros.

⁴⁷ Livro C/08, folha 97v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 09 de janeiro de 1984. AHMAMJT.

⁴⁸ Atualmente Everaldo Pará (neto de Darci Ribeiro Pará) é o presidente do Clube União Operária de Alegrete.

⁴⁹ Livro 42, folha 201. Registro de óbito, cartório civil de Alegrete, 25 de julho de 1964. AHMAMJT; Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁵⁰ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁵¹ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁵² Grifo meu.

⁵³ Livro 29, folha 114. Registro de óbito, cartório civil de Alegrete, 02 de janeiro de 1945. AHMAMJT

responsável pela atividade e demais convidados. Segundo o relato de Goldemberg, na abertura da solenidade, “ao aproximar-se às 10 horas o companheiro Euclides Braz fez sentir aos camaradas, que não era somente cortar o assado, e sim também tratar-se de uma organização social, ao qual foi muito aplaudido” (1993, p. 13). A fala de Euclides Braz evidencia um trabalhador (operário) preocupado não somente com a festividade alusiva ao Dia do Trabalho, mas também enaltecendo e mostrando consciência política no ato. Um protagonista na luta de trabalhadores!

Aliás, dentre os fundadores do Bloco Operário, estavam nossos conhecidos personagens, como o próprio Euclides Braz, João Pará, João Mário dos Santos, Manoel Alcides Emiliano, Clotário Estulano dos Santos, entre outros. A primeira diretoria eleita ficou constituída por Euclides Braz (Presidente); João Pará (Secretário); Mariano Pinto da Silveira (Tesoureiro); João Mário dos Santos, Waldemar de Oliveira, Manoel Emiliano, Clotário dos Santos, Celso Oliveira e Dorvalino Brasil (Comissão Executiva) e Joaquim Telles (Orador). Na descrição feita por Goldemberg, “ao meio-dia a festa terminou debaixo de grande alegria e satisfação, e às oito horas da noite, na União Operária, foi empossada a 1º Diretoria”. (1993, p. 13). Ainda segundo o autor, o Bloco Operário funcionou até 1937, ocupando quase sempre as dependências da União Operária, sendo que neste mesmo ano, as entidades fundiram-se, consagrando-se o Clube União Operária.

Desde a fundação da União Operária, trabalhadores afrodescendentes ocuparam funções e cargos na diretoria do clube, sendo João Mário dos Santos, presidente negro da União Operária, entre 1936 a 1937. Não consegui identificar o registro de nascimento de João Mário, contudo, nas informações contidas nas fichas cadastrais dos associados da própria União Operária, ele é descrito com matrícula sob número 04, tendo sido filiado no dia 1º de maio de 1933, com 49 anos de idade, profissão de pedreiro e morador na rua Vasco Alves em Alegrete⁵⁴. Mesmo aparecendo como sendo filiado desde 1933, encontrei João Mário dos Santos com o registro de associado da União Operária no Livro dos Sócios já em 1929⁵⁵. Devido a discrepância nas informações relativas à idade e ano de falecimento nos registros documentais,

⁵⁴ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁵⁵ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

não posso afirmar com certeza, mas a princípio, deduzo que João Mário faleceu no dia 14 de janeiro de 1942, constando com 50 anos de idade, filho de Catarina Batista⁵⁶.

Imagem 04: João Mário dos Santos, presidente negro do Clube União Operária (1936-1937).



Acervo da União Operária de Alegrete (CORRÊA, 2020)

Como mencionei, é necessário recuperar e resgatar as experiências dos negros nos clubes sociais de Alegrete, pois ainda existem lacunas na historiografia local e regional sobre a participação dos egressos do cativeiro e seus descendentes nestes espaços associativos.

Outro tema, que merece ser estudado com urgência, é o envolvimento e a presença das mulheres trabalhadoras nas entidades operárias. Nesta pesquisa, foram apontados indícios do acesso de operárias negras envolvidas nas lutas sindicais em Alegrete, como no dia 12 de janeiro de 1929, quando foi inaugurado o Centro Feminino Operário, presidido por Sara Braz Rangel (GOLDEMBERG, 1993). Os dados que obtive fazendo o cruzamento com os registros de

⁵⁶ Livro 27, folha 19. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 14 de janeiro de 1942. AHMAMJT.

óbitos, mostram que Sara Braz Rangel faleceu no dia 19 de março de 1939, com 38 anos de idade, **cor parda**⁵⁷ e com a ocupação de doméstica⁵⁸. Através destes registros, é possível observar a experiência das mulheres negras operárias, participando ativamente no movimento operário e associativismo feminino, evidenciando também, o protagonismo dessas personagens históricas.

A trajetória empreendida por mulheres negras no Clube União Operária de Alegrete foi se consolidando ao longo das décadas. Estas mulheres foram participantes deste processo histórico e não somente como meras coadjuvantes, mas também exercendo funções de destaque e primordiais na instituição. Para a análise desse estudo, encontrei na documentação cotejada, o protagonismo de Perciliana Quiroga, que atuou como secretária da entidade e foi responsável pela elaboração de dezenas de atas (1969-1970)⁵⁹.

Um fato interessante, é que Perciliana Quiroga é bisneta de Onofre Nunes Quiroga⁶⁰, um ex-escravizado que conquistou a liberdade no ano de 1872, comprando-a⁶¹. Onofre ocupa um capítulo da tese de doutorado que venho desenvolvendo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pois sua trajetória mostra a complexidade e a experiência de vida de um liberto, permeada pelas expectativas de inserção social e com estratégias reelaboradas no cotidiano, buscando uma vida mais autônoma no período pós-abolição. Dessa maneira, busco enfatizar uma história de luta pela liberdade, de um ex-escravizado, ainda no século XIX, que perpassou gerações em sua família, culminando na agência e ascensão social de Perciliana dentro do associativismo, ocupando também um espaço de luta e autovalorização da comunidade negra.

Diante disso, no processo de consolidação e ocupação político-institucional dessa entidade, a trajetória de mulheres negras foi se revelando importante e com protagonismo dentro

⁵⁷ Grifo meu.

⁵⁸ Registros Civis de Alegrete. Óbitos, 1876-2003. In: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-L9G7-XGBZ?i=3247&cat=2118> .Filme: 004209949. Acesso no dia 10 de janeiro de 2022.

⁵⁹ Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete (1969-1970). Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁶⁰ Agradeço imensamente ao senhor Fernando Quiroga Fonseca (bisneto de Onofre Nunes Quiroga) pelas informações prestadas.

⁶¹ Onofre pagou 800\$ pela sua liberdade, e foi um escravizado que trabalhou diretamente em estâncias da família Nunes de Miranda, sendo muito provável que tenha recebido de seus senhores a permissão para possuir pequenos rebanhos, além de cultivar roças próprias, o que lhe possibilitou juntar pecúlio para a compra da sua alforria. Carta de alforria concedida no dia 07/05/1872 e registrada no dia 09/10/1872. Livro 01, p. 72r. APERS. Conforme já comentei, venho pesquisando sobre as experiências sociais de libertos no imediato pós-abolição em Alegrete, na qual faço uma análise mais detalhada e apurada sobre tais sujeitos na tese de doutorado que está em fase de conclusão, incluindo Onofre Nunes Quiroga.

da própria diretoria. Cristina Castilhos Caminha é uma referência neste percurso⁶². Ocupou cargos de conselheira e também foi encarregada e coordenou várias comissões, dentre elas, a comissão pró-natal para crianças filhas dos associados e de operários⁶³. Cristina Castilhos faleceu no dia 25 de junho de 1999, aos 90 anos de idade, já viúva, declarada como de **cor mista**⁶⁴, aposentada, natural de Alegrete e com domicílio na Rua Nossa Senhora do Carmo⁶⁵. Consta como nascida no dia 15 de fevereiro de 1909 e era casada com Saul Rodrigues Caminha⁶⁶, cujo matrimônio não deixou filhos. No registro de óbito, Cristina consta como filha legítima de Theodora Maria da Conceição Castilhos. Ao buscar mais informações acerca de Theodora, encontrou-se o atestado de óbito dela no ano de 1959, porém, constando como Maria Teodora Castilhos da Conceição. Com certeza é a mesma pessoa, mas o nome original deve ter sido alterado em alguns dos registros mencionados⁶⁷.

Maria Teodora Castilhos da Conceição faleceu no dia 20 de agosto de 1959, com 78 anos de idade, viúva, tinha sido casada com Pedro Castilhos⁶⁸. Nas informações do documento, consta como de **cor preta**⁶⁹, profissão de doméstica, natural deste Estado. Era filha de Bibiana da Conceição, já falecida, profissão de doméstica. O nome do pai não consta no assento de óbito⁷⁰.

⁶² Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 15, 18 de maio de 1976. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁶³ Reunião Especial Pró-Natal das Crianças dos Associados: Alegrete, 29 de outubro de 1961; Reunião da Comissão Encarregada de Angariar Fundos para o Natal das Crianças Filhas de Operários alegretenses: Alegrete, 10 de novembro de 1961. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁶⁴ Grifo meu.

⁶⁵ Registros Civis de Alegrete. Óbitos, 1994-2002. In: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-L9G7-F35F?i=1429&cat=2118>. Filme 004209954. Acesso no dia 10 de janeiro de 2022.

⁶⁶ Saul Rodrigues Caminha faleceu no dia 31 de março de 1991, aos 54 anos de idade, descrito como comerciante, cor branca e nascido no dia 28 de maio de 1936. Era filho Felix Caminha e Adelina Rodrigues, ambos brasileiros. Saul Caminha também participava no Clube União Operária de Alegrete. In: Livro 15, folha 188v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 09 de abril de 1991. AHMAMJT. Conversando com familiares e verificando o fenótipo de Saul, ele é considerado um sujeito afrodescendente.

⁶⁷ Aqui coloquei os nomes como constavam nos respectivos documentos.

⁶⁸ O casal tinha perdido uma filha, chamada Maria Castilhos, que faleceu em 1942, com 37 anos de idade, solteira, de cor preta e natural de Alegrete. Livro 28, folha 109. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 30 de dezembro de 1942. AHMAMJT.

⁶⁹ Grifo meu.

⁷⁰ Livro 38, folha 153. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 20 de agosto de 1959. AHMAMJT.

Imagem 05: Teodora Maria da Conceição Castilhos



Acervo Pessoal: Marina Castilhos. Envio da imagem: Anderson Corrêa

Estas histórias de vidas negras não podem ser esquecidas. São famílias que lutaram pela sobrevivência no pós-abolição, que enfrentaram muitas adversidades, na qual conseguiram preservar laços familiares e nos dão exemplos de resistência e de preservação étnica, cultural e social⁷¹.

Imagem 06: Cristina Castilhos (à direita) recebendo um presente num chá em homenagem ao Dia das Mães no Clube União Operária. Foto s/d.



Créditos: Aline Castilhos Teixeira; Acervo Pessoal: Mariza Castilhos de Castilhos

⁷¹ O casal Teodora Maria Conceição Castilhos e Pedro Castilhos foram importantes na construção da atual sede do Clube União Operária de Alegrete, inclusive doando parte do terreno para construir o prédio. Depoimento de Marina Castilhos, neta de Teodora da Conceição Castilhos e de Pedro Castilhos. Depoimento para Anderson R. Pereira Corrêa, dia 31/07/2019, as 11:30, em sua residência.

Até hoje, descendentes diretos de Teodora Castilhos e de Cristina Castilhos moram nos arredores do Clube União Operária, entre as ruas Vinte de Setembro e Nossa Senhora do Carmo. Podemos citar como exemplo, a senhora Marina da Rosa Castilhos e família, também atuantes e participativos no clube. Marina Castilhos é descendente direto de Teodora Castilhos, sendo sua avó paterna. Localizei o atestado de óbito do senhor João da Conceição Castilhos (pai de Marina Castilhos), que faleceu no dia 30 de julho de 1987⁷². Constava que tinha 77 anos de idade, nascido no dia 29 de agosto de 1909. Era aposentado, de **cor morena**⁷³, viúvo de Cencia da Rosa Castilhos, sendo seus filhos, Marina Castilhos, Cristina, Helena e Cassemiro⁷⁴.

Imagem 07: Cassemiro Castilhos (irmão de Cristina Castilhos, à esquerda) e Cristina Castilhos (à direita). Foto s/d, casamento de familiares.



Créditos: Aline Castilhos Teixeira; Acervo Pessoal: Mariza Castilhos de Castilhos

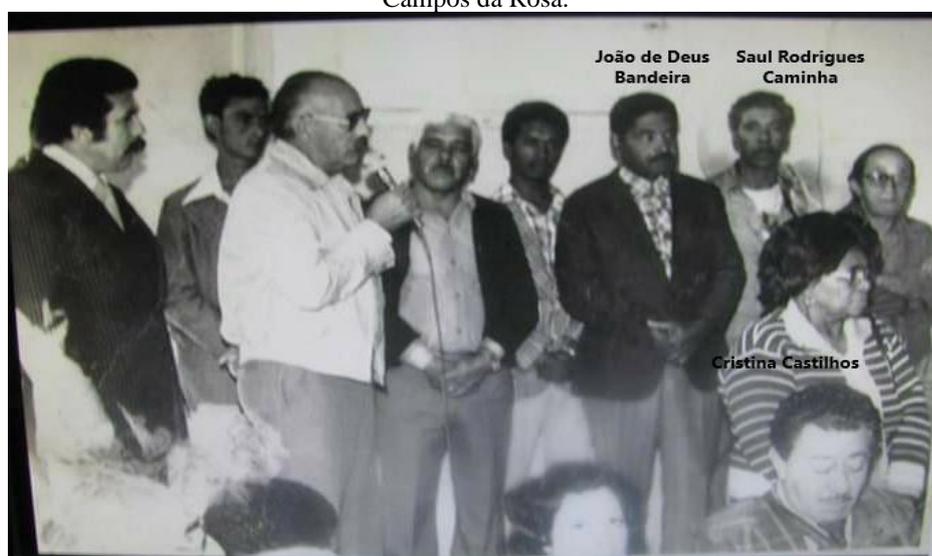
⁷² Livro 11, folha 253. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 30 de julho de 1987. AHMAMJT.

⁷³ Grifo meu.

⁷⁴ Conforme Aline Castilhos Teixeira (filha de Marina Castilhos) provavelmente houve um equívoco do tabelião no registro dos filhos de João da Conceição Castilhos, pois somente Marina e Helena são filhas, sendo que Cassemiro e Cristina eram irmãos do senhor João Castilhos. Entrevista via online, no dia 02 de fevereiro de 2022. O atestado de óbito da Cencia da Rosa Castilhos (esposa de João da Conceição Castilhos) confirma que o casal tinha somente dois filhos. Cencia faleceu em 1980. Livro C/3, folha 138. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 09 de janeiro de 1980. AHMAMJT.

Esse movimento de trabalhadores negros no Clube União Operária de Alegrete contou também com a participação de João de Deus Bandeira, sócio da entidade e membro da diretoria na década de 1970⁷⁵. João de Deus Bandeira nasceu no dia 04 de junho de 1922, filho de Feliciano Alves Bandeira e Dona Altina Alves Bandeira. João Bandeira era morador na Rua Carlos Gomes, bairro Vila Nova, profissão de mozaiqueiro⁷⁶. Faleceu em 1990, aos 68 anos de idade, descrito como de **cor preta**⁷⁷. Consegui também localizar os registros de óbitos do pai e da mãe de João Bandeira. Feliciano Alves Bandeira faleceu no dia 31 de julho de 1966⁷⁸, já Dona Altina Alves Bandeira faleceu no dia 23 de agosto de 1978, aos 86 anos de idade, moradora no Bairro Vila Nova, de **cor mista**⁷⁹ e aposentada rural⁸⁰.

Imagem 08: Atividade no Clube União Operária de Alegrete, provavelmente na década de 1970. Foto: Fernando Campos da Rosa.



Acervo Pessoal: Marina Castilhos e família

O historiador Petrônio Domingues (2011), explorando o tema do protagonismo negro em Santa Catarina, no período posterior à abolição da escravidão, já observava a importância e a necessidade de pesquisar a presença negra na história social do trabalho do referido Estado.

⁷⁵ Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 05, 28 de novembro de 1975. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁷⁶ Ocupação descrita na certidão de óbito. João de Deus Bandeira trabalhava com a confecção e produção de mosaicos.

⁷⁷ Livro 15, folha 022v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 21 de julho de 1990 AHMAMJT. Grifo meu.

⁷⁸ Livro 44, folha 139. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 01 de agosto de 1966. AHMAMJT.

⁷⁹ Grifo meu.

⁸⁰ Livro C/1, folha 191. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 24 de agosto de 1978. AHMAMJT.

“A formação da classe operária foi um processo complexo, plural e multifacetado e que, no caso específico do Brasil, para o qual não se deve ignorar a participação dos negros” (2011, p. 126). Conforme Domingues, setores que descendiam de escravizados e libertos, desenvolveram uma consciência de classe, construindo uma militância política dentro do operariado. Cita o exemplo de Sebastião Lucas Pereira, primeiro negro a ocupar um cargo de dirigente dos trabalhadores portuários em Itajaí, na primeira década do século XX. Nas palavras do autor, de “toda sorte, seu exemplo sugere que uma parcela dos afro-catarinenses não só foi protagonista da história social do trabalho, como ainda cumpriu um papel de relevância na construção do movimento operário” (Ibid., p. 126).

Pensando nessas primeiras décadas pós-abolição, se obteve acesso a algumas informações fragmentadas, que permitiram levantar algumas hipóteses sobre a possibilidade de que os negros já ocupavam espaços formais de luta, mesmo antes da fundação do Clube União Operária em 1925. Ao mesmo tempo, tais hipóteses podem confirmar a inserção dos negros na formação de associações operárias e de sindicatos na cidade. Essas proposições vão ao encontro do que Beatriz Loner constatou nas redes associativas negras em Pelotas, em que a autora conseguiu demonstrar que lideranças da etnia negra participavam, concomitantemente, do trabalho de organização da classe operária na região, o que Loner chamou de “dupla militância, ou seja, de classe e de raça” (2008, p, 252).

Devido a isso, encontra-se sempre a presença das associações negras em todas as festas operárias, ou participando de lutas e comemorações da classe. Elas comemoravam o Primeiro e o Treze de Maio e várias reuniões de sindicatos ou centrais operárias foram realizadas em sedes de entidades negras, tanto no início da República como posteriormente (LONER, 2008, p. 252).

Dessa forma, algumas notícias veiculadas pela imprensa negra do Rio Grande do Sul e que se reportavam a Alegrete, podem corroborar nossas hipóteses, conforme destacadas nas próximas linhas. No dia 07 de maio de 1916, o jornal *O Exemplo* (Porto Alegre) publicou sobre as festas operárias relativas às comemorações da data do 1º de Maio. Antes de prosseguir, é importante fazer uma breve explanação sobre o periódico. Melina Perussatto (2018) pesquisou as lutas engendradas pelos sujeitos que formaram e organizaram o jornal *O Exemplo*, principalmente no campo da instrução, luta contra o racismo, direitos à educação, trabalho e cidadania. De acordo com a autora:

Nos idos de 1892, um grupo de jovens homens de cor reunia-se diariamente no Salão Calisto, barbearia localizada na principal rua do centro de Porto Alegre, para conversar sobre assuntos de alto interesse. Com formações, ocupações, profissões e experiências variadas, seus membros compartilhavam o desejo de fazer algo para alterar o estado das coisas, uma vez que o preconceito de cor seguia incrustado nos costumes da sociedade como um todo e colocava em xeque as expectativas de igualdade fomentadas pela Abolição e pela República, enfim, esperavam que efetivamente apenas os talentos e as virtudes hierarquizassem as pessoas. Para disseminar seu projeto político e sua leitura sobre os novos tempos, o grupo colocou em circulação no segundo domingo de dezembro daquele ano seu órgão de representação na imprensa da capital sul-rio-grandense, sugestivamente nomeado de *O Exemplo*. Entre fases e renovações, o programa traçado no editorial de fundação foi preservado ao longo de quase quatro décadas, somando mais de mil edições e uma das mais longevas experiências de imprensa negra no país, quiçá, nas Américas. Em suma, “a defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos mediócrs conhecimentos” eram as suas metas (PERUSSATTO, 2018, p. 19).

Atentando para o histórico do jornal *O Exemplo*, é importante ressaltar o papel que este periódico teve na imprensa negra do país, estimulando a busca pela educação, luta por direitos e ascensão social da população negra. Mas, voltando à notícia de maio de 1916, chama a atenção imediata, o registro do jornal sobre as comemorações do 1º de Maio em Alegrete. Segundo relatou o jornal, por iniciativa dos senhores Domingos Sarubbi, Ataliba Nunes e outros companheiros, também foi comemorada a data do 1º de Maio. Os operários se reuniram na Praça 15 de Novembro e organizaram uma passeata pelas ruas da cidade, se deslocando, posteriormente, para a chácara do finado coronel José Nunes de Miranda⁸¹. Lá, realizaram uma festa, sendo que “por ocasião deste, fallaram eloquentemente diversos oradores, de regresso à cidade fizeram nova passeata, erguendo entusiasticos vivas a data do trabalho”⁸². Ainda não se encontraram evidências se Domingos e Ataliba eram negros.

⁸¹ José Nunes de Miranda foi vereador em Alegrete (1889), participando também da 4ª Junta Municipal de 1891 a 1892 (SANTOS, 2011). No passado escravista foi senhor de escravizados, aparecendo na década de 1870, como proprietário de Efigênia, preta, 20 anos de idade, solteira, mucama; Etelvina, preta, 16 anos de idade, solteira, mucama; Eduardo, preto, 23 anos de idade, solteiro, campeiro e Adão, preto, 21 anos de idade, solteiro e também campeiro. A cativa Efigênia conquistou a liberdade em 1880, mediante pagamento de 1:000\$. “A partir de uma imaginação historicamente limitada” (OLIVEIRA, 2017, p. 57) nos permite especular que poderia existir laços e relações entre Ataliba Nunes e José Nunes de Miranda. O leitor pode perceber que Ataliba também tem o sobrenome Nunes. Desse modo, o operário Ataliba poderia ter sido um ex-escravizado de José Nunes ou ser descendente de pessoas que foram escravizadas por José Nunes e família. Nas próximas páginas que seguem, iremos verificar e aprofundar nomes adotados pelos escravizados e seus descendentes, na qual muitos cativos e libertos acabavam adotando os sobrenomes senhoriais e de ex-senhores. Livro de Classificação dos Escravos na forma do Regulamento de 13 de novembro de 1872 para serem libertados pelo Fundo de Emancipação, 05 de maio de 1873. Alegrete. CEPAL; Carta de alforria concedida no dia 26/08/1880 e registrada no dia 26/08/1880. Livro 12, p. 133v. APERS.

⁸² Jornal *O Exemplo*. Porto Alegre, 07 de maio de 1916, edição 00017 (1), p. 03. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso no dia 22 de novembro de 2021.

Interessante registrar, que a manifestação operária aconteceu em Alegrete no ano de 1916 e que o Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete foi fundado em 1925. No Livro dos Sócios da União Operária de 1929, Ataliba Nunes aparece como associado da entidade⁸³, ou seja, 09 anos antes da fundação do clube, ele e outros sujeitos já estavam ocupando e desempenhando funções importantes dentro do movimento operário de Alegrete⁸⁴. Assim, tal consideração já nos permite ir de encontro ao que alega Anderson Corrêa (2010), pois o autor, estudando o movimento operário em Alegrete e a presença de imigrantes e estrangeiros, enfatizou em sua pesquisa que “durante um espaço de dez anos, entre 1915 e 1925, não se encontra vestígio algum sobre as organizações de trabalhadores em Alegrete” (CORRÊA, 2010, p. 141).

Álvaro Pereira do Nascimento, em artigo reflexivo, reabriu o debate em torno do que ele chama de “paradigma da ausência” na produção historiográfica dos mundos do trabalho. Segundo o autor, a maior parte das pesquisas voltadas para os séculos XX e XXI e que investigam os trabalhadores no movimento operário, tendem a não incluir o componente cor dos sujeitos pesquisados,

Os historiadores que analisaram os trabalhadores pobres e o movimento operário raramente dialogaram com especialistas em escravidão. Mesmo quando investigam o século XX, pouco incluem sujeitos negros – mulheres, crianças, homens – em suas pesquisas. Foram os especialistas em escravidão e pós-abolição os que mais avançaram em direção ao debate e contribuíram para a visibilidade desses sujeitos históricos. (NASCIMENTO, 2016, p. 608).

Sidney Chalhoub no ano de 2001 já tinha feito uma consideração parecida com a de Álvaro Nascimento. Num congresso da Associação Nacional de História (ANPUH), Chalhoub escreveu um importante resumo acerca do protagonismo dos negros dentro do movimento operário brasileiro, situando o legado e as lutas da população negra desde o século XIX, ações estas que foram importantes e configuraram a expressiva atuação dos negros dentro das associações operárias no pós-abolição. Nas palavras do autor:

⁸³ Livro dos Sócios da Sociedade União Operária de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁸⁴ Encontrei também, Ataliba Nunes participando da fundação e diretoria do Sport Club Comercio de Alegrete, entre os anos de 1921 e 1922. In: *Jornal A Federação*. Porto Alegre, 29 de março de 1922, edição 00074 (1), p. 04. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso no dia 27 de novembro de 2021.

A luta dos escravos pela liberdade na segunda metade do século XIX foi o primeiro capítulo da história do movimento operário no Brasil. Os escravos organizaram-se coletivamente para obter a liberdade, negociaram condições de trabalho, fizeram greves⁸⁵, recorreram à justiça para conseguir alforrias e para confrontar os senhores de diversas formas. Enfim, articularam uma cultura política complexa que ajudou a enterrar a sociedade senhorial-escravista. Num contexto de produção historiográfica e sociológica que pressupunha a impossibilidade de cultura política entre trabalhadores escravos, a obra de EP Thompson ajudou na revisão de conceitos e na renovação dos estudos sobre a história da escravidão no país. Ainda assim, pouco se sabe sobre a importância da herança das lutas dos escravos pela liberdade na configuração dos movimentos sociais das décadas posteriores à Abolição. (CHALHOUB, 2001, s/p).

Retornando ao nosso *locus* de pesquisa, evidencia-se que no mês de maio e ano de 1916, o jornal *O Exemplo*⁸⁶ novamente apresentou outra notícia sobre Alegrete. Nesta edição, as notas eram dedicadas aos fatos e ocorrências que aconteceram no Rio Grande do Sul em função das comemorações alusivas ao dia da Abolição (13 de Maio)⁸⁷. De acordo com o periódico, realizaram-se festejos em diversas localidades do Estado, inclusive em Alegrete, onde o “17º grupo de artilharia e o 9º regimento de infantaria formaram em parada, desfilando depois pelas ruas da cidade, a artilharia da 2ª brigada deu as salvas do estilo”⁸⁸. Petrônio José Domingues (2011), apoiando-se em registros jornalísticos, examinou as comemorações da abolição nas

⁸⁵ Sobre esta questão das greves de escravizados é importante mencionar a pesquisa de João José Reis (2019), na qual o autor pesquisou sobre os ganhadores e a greve negra de 1857 na cidade de Salvador, evidenciando a greve promovida por cativos e libertos.

⁸⁶ Pelo que verifiquei, o jornal *O Exemplo* tinha uma circularidade constante em Alegrete, sendo o representante e diligente auxiliar do periódico no município, o tenente Julio Baptista. Em junho de 1916, o jornal divulgou uma nota parabenizando o colaborador, “a 1º de julho próximo, o nosso prestimoso amigo tenente Julio Baptista, conceituado negociante e esforçado representante desta folha na cidade de Alegrete. O “Exemplo” que tem na pessoa do aniversariante um dos seus mais dedicados auxiliares, envia-lhe elusivas saudações pela passagem de tão faustosa data”. Julio Baptista era comerciante no ramo de calçados. Em setembro de 1916, o mesmo viajou para a capital Porto Alegre e esteve visitando a sede do jornal, tal fato foi noticiado também no periódico, “segue hoje para Alegrete, aonde reside e é conceituado negociante o nosso prezado amigo Tenente Julio Baptista, representante da nossa folha n’aquella adeantada cidade. Grato pela distinção de sua visita. O Exemplo deseja-lhe feliz viagem”. Isto mostra que havia uma interlocução entre a imprensa negra da capital com cidades do interior e que a população negra de Alegrete estava ciente dos debates promovidos em torno das políticas que se embasavam em práticas raciais, tanto de Porto Alegre como do restante do país. *Jornal O Exemplo*. Porto Alegre, 23 de junho de 1916, edição 00024 (1), p. 03; 24 de setembro de 1916, edição 00037 (1), p. 03. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso no dia 14 de dezembro de 2021.

⁸⁷ A data do 13 de Maio foi feriado nacional no período da chamada “Primeira República”, tendo sido anulado em 1930 pelo então presidente Getúlio Vargas. Através da Lei nº 19.488, de 15 de dezembro de 1930, Getúlio Vargas revogou o dia da abolição da escravatura como feriado e no mesmo decreto adotou o 1º de Maio (Dia do Trabalho), como feriado nacional.

⁸⁸ *Jornal O Exemplo*. Porto Alegre, 21 de maio de 1916, edição 00019 (2), p. 03. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso no dia 22 de novembro de 2021.

primeiras décadas do século XX, demonstrando seus múltiplos significados e sentidos. Segundo o autor:

Era comum, nesse período, estratos da população negra saírem às ruas todo ano para comemorar o 13 de Maio – data da abolição da escravatura no Brasil –, por meio de romarias, missas, conferências cívicas, discursos solenes, festivais artístico-culturais, bailes, música, dança e teatro, embalados, na maior parte das vezes, por um clima de emoção e alegria. (...) Em janeiro de 1890, o 13 de maio foi decretado feriado nacional, “consagrado à comemoração da fraternidade dos brasileiros” e, assim, passou a fazer parte do calendário oficial. Nos anos seguintes, a efeméride continuou sendo celebrada com afinho e vibração por diversos agentes: Forças Armadas, autoridades públicas, parlamentares, jornalistas, intelectuais, partidos políticos, instituições religiosas e filantrópicas cristãs ou não, estabelecimentos de ensino, organizações não governamentais, sindicatos, associações culturais e agremiações literárias. (2011, p. 19-25).

Tais entidades e associações se organizavam e planejavam, com antecedência, as festividades e programações alusivas às comemorações do feriado da abolição, mobilizando recursos financeiros e de pessoal. No dia 23 de abril de 1916, o jornal *O Exemplo* divulgou que o Clube Leopoldense 13 de Maio, no município de São Leopoldo, pensava comemorar de “modo condigno a passagem da data abolicionista, para tal fim, foi nomeada uma comissão especial, composta dos apreciados cavalheiros Patrício José Maria, Antonio J. Martins, Octaviano J. Maria e Isolino Paim”⁸⁹. Ainda de acordo com o periódico, a comissão “tem desenvolvido os maximos esforços para que os festejos se revistam do almejado brilhantismo. Essa comissão usou da gentileza de convidar o nosso órgão”⁹⁰. Na mesma edição, o Clube 13 de Maio divulgou uma nota informando aos associados que “este club cogita de commemorar a grande data da abolição em 13 de maio próximo, para o que promove diversas festividades, entre as quaes um “pic-nic”, que terá logar no Capão Panitz”⁹¹.

Pensando nas trocas de informações entre o jornal *O Exemplo* e segmentos operários e outros setores de Alegrete, pesquisas futuras e com mais embasamento documental, podem vir a ampliar os argumentos de que os negros estavam inseridos na organização da classe operária de Alegrete, bem como confirmar a existência também de outras associações, inclusive agremiações e uma imprensa negra em Alegrete. Devido a isso, insiste-se neste exercício de

⁸⁹ Jornal *O Exemplo*. Porto Alegre, 23 de abril de 1916, edição 00015 (1), p. 02. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso no dia 14 de dezembro de 2021.

⁹⁰ *Ibid.*,

⁹¹ Jornal *O Exemplo*. Porto Alegre, 23 de abril de 1916, edição 00015 (1), p. 03. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso no dia 14 de dezembro de 2021.

elencar algumas pistas que levam a estudar e confirmar a existência destes espaços associativos em Alegrete.

José Antônio dos Santos (2003) em pesquisa sobre o jornal *A Alvorada*⁹², de Pelotas, discorre que o periódico não era vendido somente em Pelotas, pois a venda do impresso se dava também em outros municípios da metade sul do Estado, como Jaguarão, Pedras Altas, Pinheiro Machado, Rio Grande, Bagé, Cerrito e Capão do Leão, assim como em Canguçu e **Alegrete**⁹³, sendo que o periódico possuía correspondentes que viajavam para estas cidades com a finalidade de retornar a Pelotas com novas informações. O periódico *A Alvorada* retratava em suas publicações, notícias sobre a população negra e operária, além de denunciar casos de racismo, divulgando também eventos ligados à cultura afro-brasileira. José Antônio dos Santos, tratando sobre a imprensa negra sul-rio-grandense, afirma que os periódicos eram trocados entre si e “autorrepresentavam-se como “co-irmãos”, tinham seus redatores e representantes espalhados pela capital e pelo interior do Estado, em constante contato e troca de informações” (2011, p. 109).

Este artigo apresenta fatos, histórias, lembranças e algumas trajetórias de pessoas da comunidade negra de Alegrete, que ajudaram e colaboraram na construção do Clube União Operária de Alegrete. Uma participação contínua e ativa da população negra, como agente de sua história, mostrando a capacidade de organização social, econômica, política e cultural dos negros. O estudo conta a história dos negros no Clube União Operária, dando protagonismo a estes trabalhadores. As evidências, localizadas nas fontes históricas, destacam a significativa trajetória da história e presença negra no clube, na qual se estabeleceu uma identidade, cultura e resistência negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁹² *A Alvorada* surgiu no dia 05 de maio de 1907, no município de Pelotas, inicialmente sendo propriedade dos irmãos Penny. Também foram idealizadores deste projeto, Rodolpho Ignácio Xavier e seu irmão Antônio Baobad. No ano de 1946, Juvenal Penny vendeu o periódico para um grupo de homens, liderados por Rubens Lima, Carlos Torres e Armando Vargas. O jornal encerrou suas atividades no ano de 1965. O periódico é tido como um dos mais longos exemplares de imprensa negra no Brasil. O jornal ficou conhecido como “a voz da população negra em Pelotas”, sendo que o jornal tornava público discussões sobre a negritude brasileira e a necessidade de união para enfrentar as questões sociais, também discussões sobre a fundação da Frente Negra Brasileira, criada em 1931, e sobre a Frente Negra Pelotense, fundada em 1933, que tinha como objetivo principal à alfabetização de negros. (OLIVEIRA, 2017; SANTOS, 2003).

⁹³ Grifo meu.

Os primeiros apontamentos indicam que, dentro da composição do Clube União Operária, existia uma sólida participação e organização de famílias negras, inclusive como principais lideranças da entidade. Dessa maneira, o espaço da União Operária serviu para os trabalhadores negros construírem uma identidade negra positiva e com estabelecimento de laços de solidariedade de classe e também etnia. O clube foi ocupado pela comunidade negra, como expressão de resistência e estratégias engendradas por esses homens e mulheres para escapar dos mecanismos de preconceito e dominação que existiam e, ainda hoje, existem numa sociedade dominada pelo racismo estrutural. Os trabalhadores negros construíram suas histórias e foram protagonistas no Clube União Operária de Alegrete.

Neste espaço associativo, os negros compartilharam experiências, relações, amizades, afetos, conflitos, mas acima de tudo, conseguiram inserção social, atestando autonomia dos afrodescendentes enquanto sujeitos históricos, com possibilidades organizativas e de incorporação como trabalhadores e cidadãos, lutando por espaços, driblando o preconceito extremo e impondo suas presenças, enquanto protagonistas.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. **Movimento Operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897-1929)**. 2010. 213 p. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. Lugares de memória dos trabalhadores: Sede da União Operária Primeiro de Maio, Alegrete (RS). In: **Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT)**, cidade do Rio de Janeiro, 2020.

CHALHOUB, S. O primeiro capítulo da história do movimento operário no Brasil. **Livro de Resumo – XXI Simpósio Nacional de História**. Niterói: UFF, 2001.

DOMINGUES, Petrônio. “A redenção de nossa raça”: as comemorações da abolição da escravidão no Brasil. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.31, nº 62, p. 19-48, 2011.

DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. In: **Topoi**, v. 12, n. 23, p. 118-139 jul. Dez. 2011.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

GAZETA DE ALEGRETE. União Operária 1º de Maio: Raiar dos 50 anos. In: **Alegrete de Ontem**. Alegrete, 1973.

GINZBURG, Carlo e PONI, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e o mercado historiográfico. In: **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
GOLDEMBERG, Maurício. **Alegrete de Ontem**: Edição Comemorativa da Gazeta de Alegrete 111 Anos. Alegrete, 1993.

GOMES, Flavio. **A hidra e os pântanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GOMES, Flavio. **História de quilombolas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: **Micro-História, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

LONER, Beatriz Ana. A rede associativa negra em Pelotas e Rio Grande. In: **RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. O Aurélio era preto: trabalho, associativismo e capital relacional na trajetória de um homem pardo no Brasil Imperial e Republicano. In: **Revista Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.40, n.01, p.85-127, janeiro/junho de 2014.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o “paradigma da ausência”: contribuições à História Social do Trabalho no Brasil. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 29, n. 59, p. 607-626, setembro-dezembro, 2016.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. **A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso O Exemplo e A Alvorada – 1920-1935**. 2017. 144p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

PERUSSATO, Melina Kleinert. **Arautos da liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892 – c. 1911)**. 2018. 344 p. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)**. Pelotas. Ed. Universitária, 2003.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História: trajetórias de intelectuais na imprensa negra Meridional**. Tese de Doutorado (História). Porto Alegre: PUCRS, 2011

SANTOS, Danilo Assumpção. **Câmara Municipal de Alegrete**. Alegrete: Gráfica Universitária, 2011.

SOUZA, Robério S. **Tudo pelo trabalho livre! Trabalhadores e conflitos no pós-abolição (Bahia 1892-1909)**. Salvador; São Paulo: Editora UFBA; FAPESP, 2011.